

A Questão da Posição e Natureza dos Sujeitos Negativos

Carla Guedes

Agrupamento de Escolas de Vila Caiz

0 – Objectivo

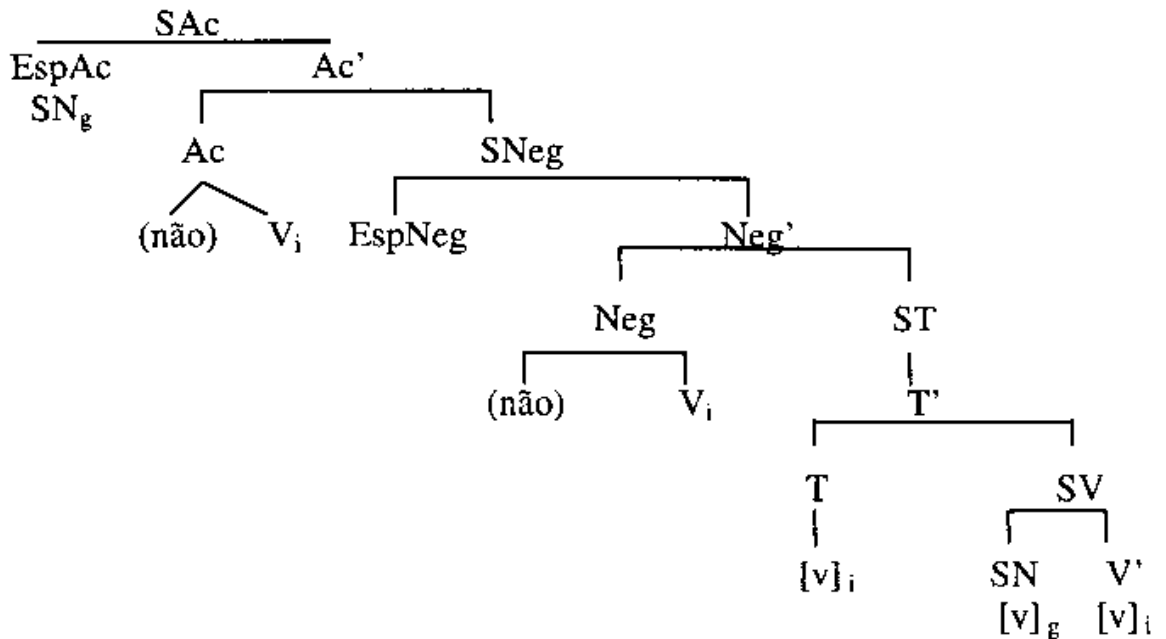
Esta comunicação propõe-se analisar a questão das palavras negativas como sujeito quer no que diz respeito à sua natureza, quer no respeitante à posição que ocupam na estrutura sintáctica da frase. A tese a ser defendida é a de que se uma palavra é intrinsecamente negativa, os traços de negatividade não devem ser impeditivos da ocupação de uma posição que é a dos sujeitos na estrutura da frase – uma posição argumental.

Desta forma, os sujeitos negativos seriam igualmente gerados internamente a SV, recebendo aí o seu theta-rolé, subindo depois para SAc ou SFlex, diminuindo assim o número de movimentos necessários para a verificação dos constituintes da frase.

As razões que levam a esta defesa terão por base testes realizados por Duarte (1996, 1997) e Costa (1998), a propósito dos sujeitos referenciais, procurando demonstrar que os sujeitos negativos apresentam um comportamento semelhante em diversas situações. Aborda-se ainda a proposta de Haegeman (1995), pelo facto de esta autora considerar a possibilidade de existirem posições mistas e de serem os traços dos constituintes que determinariam a natureza argumental ou não-argumental da posição.

1. Aspectos gerais da estrutura dos sujeitos negativos em Português e a posição dos sujeitos negativos

Aceitarei aqui, sem problematizar, o tratamento das frases negativas de Pollock (1989) e Belletti (1990), segundo os quais, na estrutura de uma frase negativa, há sempre um sintagma negativo (SNEG) e que o advérbio de negação frásica ocupa, conforme as línguas, a posição de núcleo ou especificador desse sintagma.



1.1. A Proposta de Gonçalves (1994)

Gonçalves (1994) apresenta várias razões para defender que os sujeitos negativos têm um comportamento diferente dos sujeitos não negativos. Verificou, em primeiro lugar, que, com este tipo de sujeitos, o verbo aparece invariavelmente na terceira pessoa do singular, pelo que afirma não estarmos perante uma verdadeira concordância. Vejam-se, por exemplo, as frases em (1):

- (1) a. Ninguém comeu o bolo.
 b. Nenhum menino foi ao jardim.
 c. Nenhuma criança chorou.

Em segundo lugar, considera que é pelo facto de estes constituintes terem uma natureza A' que não podem servir como antecedentes a pronomes pessoais, como se pode ver nos exemplos que a seguir se apresentam:

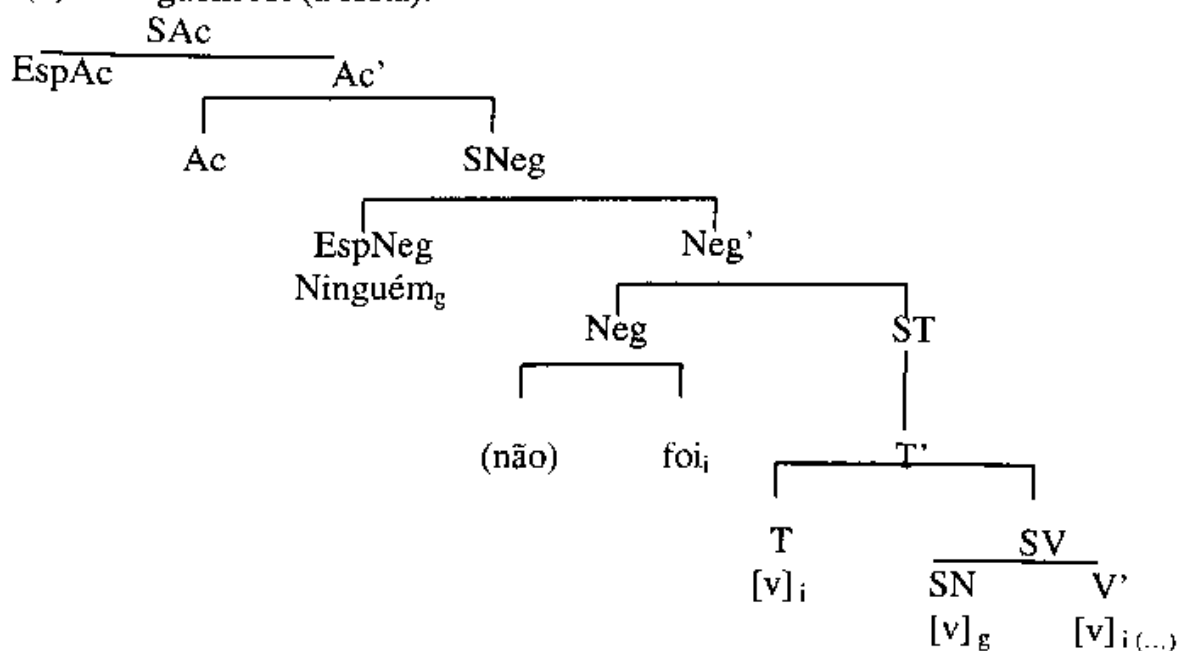
- (2) a. * Ninguém veio nem lhe telefonei.
 b. * Não vi ninguém, nem lhe telefonei.

Segundo a autora, *ninguém* denota um conjunto vazio, não podendo ser o antecedente de um pronome pessoal de terceira pessoa. Por esta mesma razão, para esta autora, a topicalização marcada destes elementos, em frases como (4) e (5), também resultará em agramaticalidade do enunciado:

- (3) Ninguém comeu a sopa toda.
 (4) * Ela está a dizer (a cerca de ninguém) que comeu a sopa toda.
 (5) * (A ninguém) o cão (não) tinha roubado uma galinha.

Gonçalves propõe, então, que a posição final dos sujeitos negativos seja não EspAc, a posição dos sujeitos não negativos, mas EspSNeg, isto é, um sujeito como *ninguém* subirá apenas até EspSNeg, já que sendo *ninguém* um constituinte com propriedades de operador, deve ocupar uma posição típica A', como o é a posição de especificador de SNeg, e aí termina em estrutura de superfície.

(6) Ninguém foi (à festa).



Em síntese, pode-se dizer que, em termos derivacionais, a autora assume que um sujeito como *ninguém* sobe apenas até EspNeg. Como o verbo é “impessoal”, no sentido em que exhibe sempre as formas de terceira pessoa do singular, também não sobe para Acordo, terminando, nestas circunstâncias, em Neg°, uma vez que não precisa de verificar traços de concordância.

É também deste modo que Gonçalves explica a não co-ocorrência do marcador negativo *não*, diferentemente do que se passa com sujeitos referenciais. Enquanto um sujeito referencial pode co-ocorrer com o marcador negativo, como em (7), isso nunca acontece com o sujeito negativo, como sugere a agramaticalidade de exemplos como (8) e (9).

- (7) O João não comeu a sopa.
- (8) *Ninguém não comeu a sopa.
- (9) *Ninguém não foi ao cinema.

Esta apresentação merece-nos algumas observações: em primeiro lugar, parece questionável que, por ser terceira pessoa, o verbo não suba até Ac. Se assim for, de que forma é que seriam verificados os traços de 3ª pessoa do singular? Na perspectiva adoptada, como impedir que surjam frases como (10 a) em Português Europeu, em que não há compatibilidade de pessoa e número do SNSU com o verbo, isto é,

há ou não concordância verbal? E como se justifica a existência de frases como (10 b), em que há perfeita concordância entre o sujeito negativo e o verbo? Os sujeitos negativos, apesar de serem quantificados e exprimirem um conjunto vazio, não desencadearão a concordância com os verbos que os seguem, como os exemplos apontados ilustram?

- (10) a. *Ninguém gostei.
b. nenhuns meninos vieram à festa.

1.2. A Proposta de Laka (1990)

Inserindo-se no grupo de linguistas que propõem que o SU é interno a SV e que depois sobe, tal como Gonçalves (1994), Laka defende que o sujeito negativo não pode ocupar a posição de especificador de Ac, por se tratar de um constituinte com características de operador, nem a posição de [Esp, SComp], já que co-ocorre com complementadores à esquerda. Então terá de haver uma outra posição entre as duas que será, segundo esta autora, [Esp, SΣ].

Laka (1990) parte de um possível paralelismo sintáctico entre construções negativas e construções afirmativas enfáticas em Inglês e em Basco. Defende que se existe um SNeg com núcleo Neg, também será pertinente falar de um SAff cujo núcleo será Aff. (11) e (12) são ilustrativos deste paralelismo:

- | | |
|-------------------------|------------------|
| (11) Mary didn't leave. | Mari ex da joan. |
| (12) Mary did leave. | Mari da joan. |

Propõe então que Neg e Aff são instanciações de uma mesma categoria funcional Σ. Na base da sua argumentação estão exemplos como os que a seguir se apresentam¹:

- | | |
|--|--|
| (13) a. No vino nadie.
(Não veio ninguém) | c. *Vino nadie.
(*Veio ninguém) |
| b. Nadie vino.
(Ninguém veio) | d. Nadie no vino.
(*Ninguém não veio) |

Laka entende que o constituinte *nadie* parece ter uma natureza dupla, ora comportando-se como um item de polaridade negativa, necessitando de um marcador negativo, ora assumindo comportamentos de quantificador universal, transportando consigo um significado negativo próprio.

Por outro lado, tendo verificado que apesar de o quantificador pré-verbal não ter que ser sujeito da frase, a posição é restrita quanto ao número de elementos que podem preceder o verbo flexionado.

¹ Exemplos retirados de Laka 1990: 104.

- (14) a. Maria nunca viene.
 b. Maria no viene nunca.
 c. *Maria viene nunca.
 d. Maria nunca no viene.
 e. Nada quiere Maria.
 f. No quiere nada Maria.
 g. * Quiere nada Maria.
 h. Nada no quiere Maria.

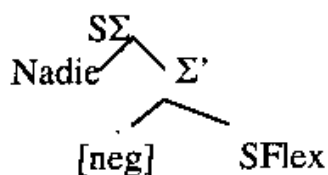
Segundo Laka, as restrições na colocação das palavras-n na frase sugerem que em posição pré-verbal, essas palavras estão a ocupar uma posição única. Na sua opinião, não poderá ser [Esp, SAc] porque a posição ocupada pelas palavras-n é diferente da posição de sujeito, até porque, considera, não precisam de concordar com Ac. Por outro lado, também porque frases como (15), onde se tenta antepor um advérbio ao verbo, estando uma palavra-n em posição pré-verbal, não são possíveis. Se os sujeitos e as palavras negativas em posição pré-verbal ocupassem a mesma posição de especificador, seria de esperar que os elementos que intervêm entre o sujeito e o verbo flexionado devessem também poder separar a palavra-N em posição pré-verbal do verbo flexionado, o que não acontece, como se pode verificar nas seguintes frases em que a ordem palavra negativa – advérbio – verbo é agramatical em Espanhol:

- (15) a. *Nadie frecuentemente canta en la ducha.
 b. Nadie canta frecuentemente en la ducha.
 c. Maria frecuentemente canta en la ducha.

Neste caso, a separação sujeito/verbo já não é possível, tendo o advérbio que vir depois do verbo flexionado que, por sua vez, será antecedido pela palavra-n. Parece isto sugerir que a palavra-n se encontra numa posição mais alta do que [Esp, SFlex].

Laka defende, então, que as palavras-n, em posição pré-verbal, se movimentam para [Esp, SΣ] e que este sintagma é gerado acima de SFlex em Espanhol. SΣ terá como núcleo um morfema negativo, fonologicamente não realizado, que licenciará o item de polaridade negativa através da relação de concordância entre especificador e núcleo. Veja-se a seguinte estrutura²:

(16)



1.3. A Proposta de Martins (1997)

A ideia da existência de uma projecção funcional, com características A', a que Laka chamou SΣ, foi apoiada, se não na sua totalidade, pelo menos em alguns

² In Laka (1990: 124).

indutores, podendo ser legitimados quer em contextos negativos quer em contextos modais, onde estariam associados a uma leitura positiva. A observação deste facto levou à conclusão de que certos itens impõem restrições mais fortes do que outros, no que diz respeito ao tipo de contextos em que ocorrem. Conclui assim que, sendo gerada na posição de especificador de S_{Neg}, essa palavra negativa, em posição de sujeito, deverá subir até S_{Pol} de forma a verificar os seus traços de item de polaridade negativa forte.

Em qualquer dos casos, parece haver uma aproximação entre esta proposta e a de Laka, no que diz respeito ao situar das palavras negativas fora do domínio de Ac, subindo o verbo para uma posição mais baixa do que Pol.

Na perspectiva adoptada, há uma questão fundamental que fica pendente da análise de Martins, que é a da posição dos sujeitos negativos, desloca para a periferia da estrutura o elemento que constitui o sujeito da frase, mantendo-o numa posição A' (não argumental).

2. Razões a favor de que os sujeitos negativos ocupem uma posição argumental

Nesta segunda parte vou tentar defender que existem argumentos em favor de o SNSU negativo ocupar uma posição argumental na frase.

Primeiramente, defende-se que o sujeito negativo do tipo *ninguém, nenhum menino*, deverá ocupar uma posição de argumento pelo facto de o sujeito negativo, contrariamente ao que diz Gonçalves, concordar com Ac no que diz respeito aos traços de concordância nominais (terceira pessoa singular ou plural). Por outro lado, [Esp, SAc] pode realmente ter um estatuto A' pelo facto de a categoria que a ocupa ter traços negativos. Assim, os sujeitos negativos poderão ocupar uma posição A em virtude dos traços de concordância que partilham com Ac e, simultaneamente, ter um estatuto A' em virtude de partilhar traços Neg com um núcleo negativo (que, no entanto, não é realizado).

Um outro possível argumento poderá basear-se na relação de co-referência. Por exemplo, numa frase como (23) *He e John* não podem ser co-referenciais porque, sendo *John* uma expressão-R, não pode ser c-comandada por um antecedente-A⁶. Da mesma forma, em (24), onde também não pode haver co-referência, *nenhum menino* deverá ocupar uma posição argumental-A, estando em jogo precisamente as mesmas condições que regulam (23).

(23) He_i /*_i did not come because John_i was ill.⁷

(24) Nenhum menino_i dançou porque o António_i partiu a perna.

⁶ Princípio C da Teoria da Ligação: uma expressão-R não pode ser c-comandada por um antecedente A, tem que ser livre.

⁷ Exemplo e argumentação retirados de Haegeman (1995).

De forma a reforçar a ideia de que a posição dos sujeitos negativos é uma posição argumental, seguirei de perto as propostas de Duarte (1996, 1997) e de Costa (1998). Estes autores desenvolveram testes cujo objectivo era provar que os sujeitos gramaticais em posição pré-verbal se deslocam até à posição de [Esp, SFlex]⁸.

Um dos testes propostos em Costa (1998) é o dos fenómenos de ligação. Uma vez que uma anáfora ou um pronome só podem ser ligados por um antecedente quantificado que ocupe uma posição-A (de acordo com a teoria desenvolvida por Chomsky (1981)), um sujeito pré-verbal que ligue uma anáfora ou um pronome possessivo deverá ocupar uma posição-A⁹.

(25) Todos os coelhos_i comeram a sua_i cenoura.¹⁰

A mesma relação de ligação acontece quando o SN sujeito é composto por um constituinte negativo, tal como exemplificado em (26 a) e (26 b). Nestas frases, o pronome possessivo *sua* tem como antecedente os SNs *nenhum coelho* e *ninguém*.

(26) a. Nenhum coelho_i comeu a sua_i cenoura.
b. Ninguém_i comeu a sua_i cenoura.¹¹

Também nos exemplos que se seguem, os SNs *nenhuns meninos*, *nenhum convidado* e *ninguém* são os antecedentes do reflexo *se*.

(27) a. Os meninos_i podem-se_i ferir com brinquedos de pontas afiadas.
b. Nenhuns meninos_i se_i podem ferir enquanto brincam.
c. Ninguém_i se_i lavou na água do rio.
d. Nenhum convidado_i se_i fartou de comer as iguarias apresentadas.

A observação dos exemplos (26) e (27) permitirá concluir que o antecedente, mesmo sendo uma palavra negativa, ocupa uma posição-A.

Poder-se-ia objectar, como propõe Barbosa (1995), que o antecedente local da anáfora ou do pronome ligado é *pro*, o argumento externo, na posição de [Esp, SV] e que os SNs *todos os coelhos*, *nenhum jogador*, *ninguém*, *nenhuma criança*, dos exemplos seguintes, se encontram numa posição de deslocação à esquerda, isto é, numa posição A'. No entanto, como mostra Costa (1998)¹², se tivermos um pronome

⁸ Será de referir que descreverei uma F como SFlex e não como SAc, sempre que tal não seja relevante.

⁹ Barbosa (1995) argumenta a favor de uma análise em que o sujeito é "left-dislocated" e o antecedente local de *sua* é um *pro* nulo em Esp de SV.

¹⁰ Exemplo retirado de Costa (1998:26).

¹¹ Esta frase deixa algumas dúvidas em relação à existência de uma segunda entidade, o Alocutário. Mas aqui o que interessa é uma interpretação do exemplo, em que se processa uma relação de antecedência entre *ninguém* e o pronome.

¹² Costa (1998:26).

anafórico inserido numa sequência parentética, o seu antecedente não pode ser o sujeito nulo à direita, em Esp de SV, porque este não c-comandaria a anáfora:

- (28) Todos os coelhos_i, durante a sua_i refeição, comeram uma cenoura.
 (29) a. Nenhum jogador_i, durante o seu_i jogo, fez batota.
 b. Ninguém_i, durante a sua_i refeição, bebeu vinho.
 (30) Nenhuma criança_i, nas suas_i leituras, deixa de apreciar as ilustrações do livro.

Quer (29) quer (30) contêm os pronomes *seu* e *suas* ligados a uma expressão quantificacional (*nenhum jogador*, *nenhuma criança*), que se encontra numa posição à esquerda. Ora, tal posição não pode ser a de tópico (A'), porque sabemos que as expressões quantificadas não podem ocupar a posição de tópico. Veja-se o exemplo (31).

- (31) ***Nenhuma criança**, o João (não) chamou.

Em síntese, não há razão para propor nem que o antecedente local da anáfora seja um argumento externo nulo (pro) na posição de Esp de SV nem que tal antecedente ocupe uma posição A', exterior a SFlex; o antecedente local do pronome *seu/sua(s)* é a expressão quantificada e, se isso é assim, estamos perante um caso de relação anafórica com antecedente em posição argumental-A.

Vejamos agora como se comportam os constituintes negativos relativamente a outros movimentos. De acordo com o princípio da Minimalidade Relativizada¹³, (Rizzi 1990, Duarte 1987, 1996 e Costa 1998), princípio que, no Programa Minimalista, está contido na condição de Elo Mínimo – “Minimal Link Condition” se houver um constituinte em posição pré-verbal, uma posição A', por exemplo um tópico, então o movimento de um constituinte interrogativo para a esquerda desse constituinte, para [Esp, SComp] ou similar, deve ser impossível. Veja-se a agramaticalidade de (32) e de (33).

- (32) * A quem, esse lápis, ofereceste ontem?
 (33) * A quem, nenhum lápis, ofereceste ontem?

Os exemplos (34), que são gramaticais, mostram que o movimento dos constituintes interrogativos não se processa para além de posições A', o que significará, uma vez mais, que quer sujeitos negativos quer sujeitos referenciais não poderão ser constituintes deslocados à esquerda, numa posição (A'), ocupando antes uma posição argumental:

¹³ Minimalidade Relativizada: “De acordo com o princípio da minimalidade relativizada, quando um constituinte é deslocado para uma posição de um determinado tipo, não pode saltar qualquer posição de natureza semelhante.” In Costa (1998: 27).

- (34) a. Que livro o Paulo leu?
 b. Que livro nenhum menino leu?
 c. Que livro ninguém leu?

A topicalização do objecto directo para a esquerda de um sujeito pré-verbal também não induz quaisquer problemas de minimalidade, quer os sujeitos sejam “referenciais” quer sejam negativos, como mostram os exemplos (35), (36) e (37), o que nos leva a concluir que a posição ocupada pelo sujeito negativo é uma posição-A.

- (35) a. Esses livros, o Paulo leu-os o ano passado.
 b. Esses livros, nenhum menino (os) leu até hoje.
 c. Esses livros, ninguém (os) leu até hoje.
 (36) Os bolos, ninguém comeu na festa do Gonçalo.
 (37) Ossos, ninguém deita na sopa.

Podemos concluir, então, que a ausência de efeitos de minimalidade constitui, de novo, evidência a favor da análise tradicional, de acordo com a qual os sujeitos pré-verbais em PE, quer sejam negativos ou não, se encontram em [Esp, SFlex].

Outro fenómeno importante para decidir a posição dos sujeitos negativos é o comportamento dos advérbios. Vejam-se os seguintes exemplos similares aos exemplos (15) de Laka acima mencionados:

- (38) a. ?A Maria *frequentemente* vai a Paris.
 b. A Maria vai *frequentemente* a Paris.
 c. A Maria vai a Paris *frequentemente*.
 (39) a. ?Ninguém *frequentemente* vai a Paris.
 b. Ninguém vai *frequentemente* a Paris.
 c. Ninguém vai a Paris *frequentemente*.
 (40) a. A Maria *ontem* tomou café no bar.
 b. A Maria tomou *ontem* café no bar.
 c. A Maria tomou café no bar *ontem*.
 (41) a. Ninguém *ontem* tomou café no bar.
 b. Ninguém tomou *ontem* café no bar.
 c. Ninguém tomou café no bar *ontem*.

Se (39a) é, como em Espanhol, agramatical, como prediz a hipótese de Laka, também é verdade que (38a), de acordo com os meus juízos de agramaticalidade, não é a colocação natural do advérbio *frequentemente* numa oração afirmativa. Repare-se que um advérbio como *ontem* é tão aceitável em (40) como em (41). De acordo com Costa (1998), nas frases (a) o verbo faz um movimento curto até T. Nos exemplos (b), o movimento do verbo é longo, até Ac. Em (c), temos também movimento longo do verbo e, presumivelmente, movimento do complemento.

Do mesmo modo, **nunca** pode colocar-se a seguir a um sujeito negativo:

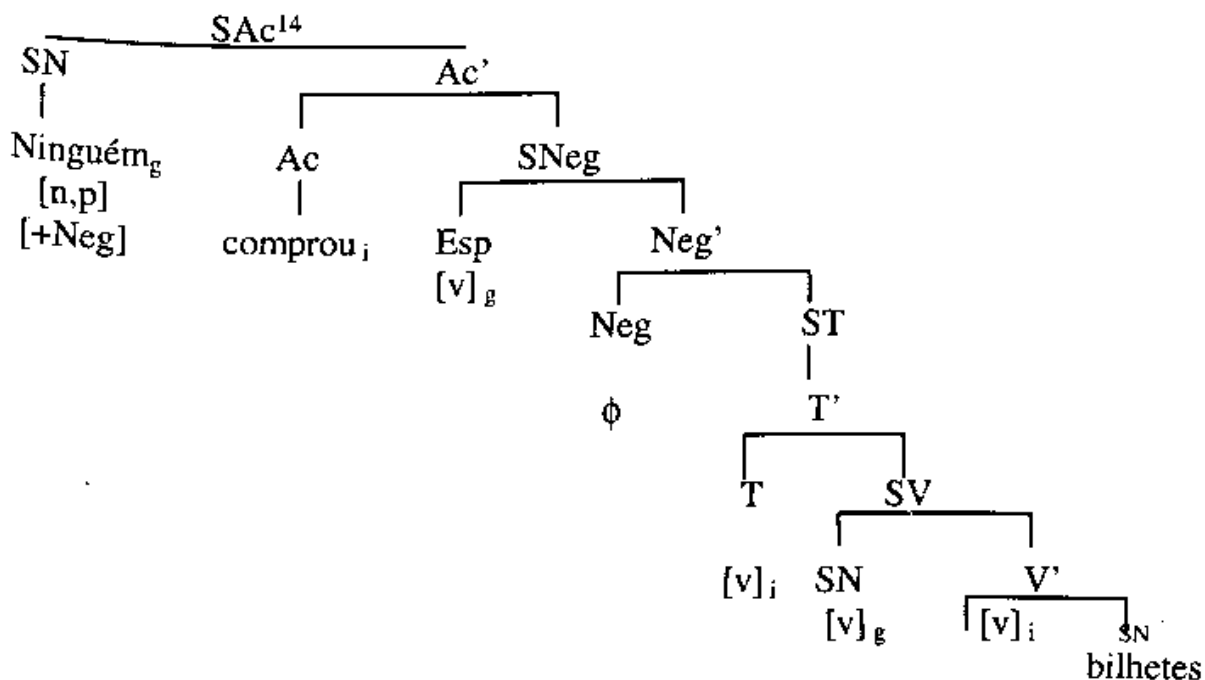
(42) *Ninguém nunca* disse isso.

De acordo com o tratamento que estou a adoptar, em (42) *ninguém* estaria numa posição de especificador de SAc e *nunca*, como advérbio temporal que é, seria adjunto a ST; por sua vez, o verbo faria um movimento curto até T (cf. Costa 1998). Isto quer dizer que a possibilidade de um advérbio como *nunca* se colocar entre o sujeito *ninguém* e o verbo é um argumento a favor da posição dos sujeitos negativos em especificador de SAc.

O recurso aos testes utilizados por Duarte (1997) e principalmente por Costa (1998) para mostrar a posição dos sujeitos referenciais em Português, assim como a posição do advérbio *nunca*, permitiu-nos não só provar que os sujeitos negativos têm um comportamento sintáctico semelhante ao dos sujeitos pré-verbais definidos/indefinidos, como também verificar que, apesar de terem características A', por serem negativos e quantificacionais, se encontram numa posição argumental A.

Por outro lado, colocar o sujeito negativo em [Esp, SAc] diminui o número de movimentos necessários para a verificação dos traços dos constituintes da frase. Em baixo apresenta-se a derivação de uma frase como (43).

(43) *Ninguém comprou bilhetes.*



¹⁴ SAc tornado equivalente a um Sintagma de polaridade ou a uma frase negativa por percolação do traço negativo (Acordo Esp-núcleo e subida/percolação).

Da mesma forma, parece-me que se uma palavra é intrinsecamente negativa, os traços que traz de negatividade não devem ser impeditivos da ocupação de uma posição que é dos sujeitos na estrutura da frase.

Conclusão

Em conclusão, podemos dizer que o sujeito negativo se encontrará numa posição argumental A. Também outras palavras negativas ocuparão, no nosso entender, posições argumentais, ou de adjunto, correspondentes às funções que desempenham na frase.

Bibliografia

- CHOMSKY, Noam (1995): *The Minimalist Program*. MIT. Cambridge; tradução portuguesa de RAPOSO, Eduardo Paiva (1999): *O Programa Minimalista*. Lisboa. Editorial Caminho.
- COSTA, João (1998): *Word Order Variation – A constraint-based approach*. Holland Institute of Generative Linguistics. Holland Academic Graphics. The Netherlands.
- COSTA, João (1998): *Sujeitos em Português Europeu – “Relevância do seu comportamento para decisão entre modelos teóricos concorrentes”* – Texto submetido à APL para o Prémio de Linguística APL 1998.
- ESPINAL, M. Teresa (1997): “Non-Negative Negation and Wh-Exclamatives”, in FORGET, HIRSCHBUHLER, MARTINEAU, RIVERO, (orgs) (1997), pp. 75-94.
- FORGET, Danielle, HIRSCHBUHLER, Paul, MARTINEAU, France, RIVERO, Maria Luisa (orgs) (1997): *Negation and Polarity: Syntax and Semantics*. John Benjamin’s Publishing Company. Amsterdam.
- GONÇALVES, Fernanda (1994): *Negação Frásica em Português – Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa*.
- GUEDES, Carla (2002): *Sujeitos Negativos e Concordância Negativa em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada – Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras do Porto*.
- HAEGEMAN, Liliane (1997): *The New Comparative Syntax*, Longman Linguistics Library. New York.
- HAEGEMAN, Liliane, GUÉRON, Jacqueline (1999): *English Grammar – A Generative Perspective*. Blackwell Textbooks in Linguistics. Oxford.
- LAKA, Miren Itziar (1990): *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. PhD Dissertation. MIT. Cambridge.
- MARTINS, Ana Maria, (1997): “Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas (Da natureza de palavras como Nenhum, nada, ninguém)”. In *Actas do XII Encontro da APL*, vol II, pp 179-210. Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- MATOS, Gabriela (1999): "Negative Concord and the Scope of Negation". *Catalan Working Papers on Linguistics*, Nº 7, pp 175-190.
- MATOS, Gabriela (2001): "Negative Concord and the Minimalist Approach" in D'HULST, Yves, ROORYCK, Johan & SCHROTEN, Jan (orgs) *Romance Languages and Linguistic Theory*, pp 245-280. John Benjamin's Publishing Company. Amsterdam
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992): *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.